



Gaiato

14 DE ABRIL DE 1973
ANO XXX — N.º 759 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

CANTINHO DOS RAPAZES

Em documento eclesial respigado há vários meses, lia: «Não basta dar-lhes um sentido de responsabilidade, mas sim torná-los realmente responsáveis. Devem ter voz activa no momento de traçar as directrizes e contribuir depois para a sua realização».

Este pensamento, referido no caso à intervenção dos padres na vida diocesana, foi linha mestra de Pai Américo a vosso respeito, Rapazes, desde que Deus lhe inspirou a Obra e lhe deu coragem para a realizar.

Linha audaciosa, ao tempo, pela qual teve de sofrer muitas suspeitas dos sábios e prudentes do século, avolumadas — às vezes parecia que justificadas — pelo fracasso de alguns de vós. Era então que a dor o amargurava mais; mas nunca ao ponto de o fazer perder a confiança no valor da juventude, a certeza da sua linha de rumo.

Hoje incensa-se muito por aí a Juventude. As vezes bem a despropósito e numa toada que soa a falso. Talvez para calar anseios..., para travar reivindicações... Neste ponto, Pai Américo deu-vos passagem prioritária sobre quase todos os outros jovens.

Lembro-me — era eu também jovem e estudante — como me encantava ler «O Gaiato», ou na visita às nossas Casas; como invejava um direito de acção que Pai Américo vos reconhecia e proporcionava, o qual eu nunca tinha experimentado, nem os rapazes do meu tempo, mesmo a nível universitário.

Claro que sem actividade dá-se a atrofia do órgão. Por isso, «não basta dar sentido de responsabilidade, mas tornar realmente responsáveis». Aqui, muito mais do que com os órgãos físicos, é o funcionamento, o exercício da responsabilidade, que fará o homem responsável.

Não se trata, pois, de uma formação teórica, mas de uma experiência realizada. Foi esse o método de Pai Américo: A partir do direito a «voz activa no momento de traçar as directrizes» e do esforço que sempre esperou de vós «para a sua realização», foi que ele produziu «realmente responsáveis», dotando-os, obviamente, de «sentido de responsabilidade».

É um campo aberto a todos vós e de que ninguém dentro das nossas comunidades tem o direito de abster-se, desde a hora em que, a nível de eleição pelos seus pares, ou de nomeação por quem tem mais responsabilidade, for chamado a exercitar a sua capacidade de participação no «traçar das directrizes» e «depois na sua realização».

Como eu compreendo bem aquela atitude de Pai Américo (ao tempo tão chocante dos que, afinal, não entendiam o seu pensamento e o seu respeito pelo homem que há escondido em cada um de vós) ao despedir bruscamente um rapaz que, eleito e com qualidades bastantes para o ser, se negou à responsabilidade.

Mesmo sem se negar frontalmente a assumir responsabilidade, quantas vezes alguns de vós não fogem a ela, por cobardia, por comodismo — porque optar e realizar implicam esforço, desgaste de nós-mesmos. Mas optar e realizar são verbos de maturidade. Quem quer ser homem tem de aceitar o peso de escolher um rumo e de o seguir, sempre com o risco de não ser esse o melhor caminho. Quem não aceitar, terá acumulado anos, que o não levaram à idade adulta. Permanece adolescente...

Malanje

Até que ponto os nativos se sentem inferiores na nossa presença? Não sei avaliar. Barreira difícil de transpor! Mundos tão distantes! Como vamos nós descer? Como vão eles subir? É verdadeiro este conceito? Também pode ser certo o inverso. E nós temos que subir até à simplicidade, à não ambição, à própria liberdade — quanto a conceitos sociais e correntes que nos prendem.

Mesmo o regresso à palhota não é descida para quem se sente feliz nela.

Acarretamos com a nossa civilização (tão decadente) tantas misérias... quantas dores... tais revoltas... Embora sobre os tejadilhos dos automóveis e nos imponentes prédios de betão.

Verdadeira civilização deveria implicar mais felicidade e alegria de viver.

Só colchões de molas, automóveis e água gelada não resolvem o problema.

E é tão pouco!

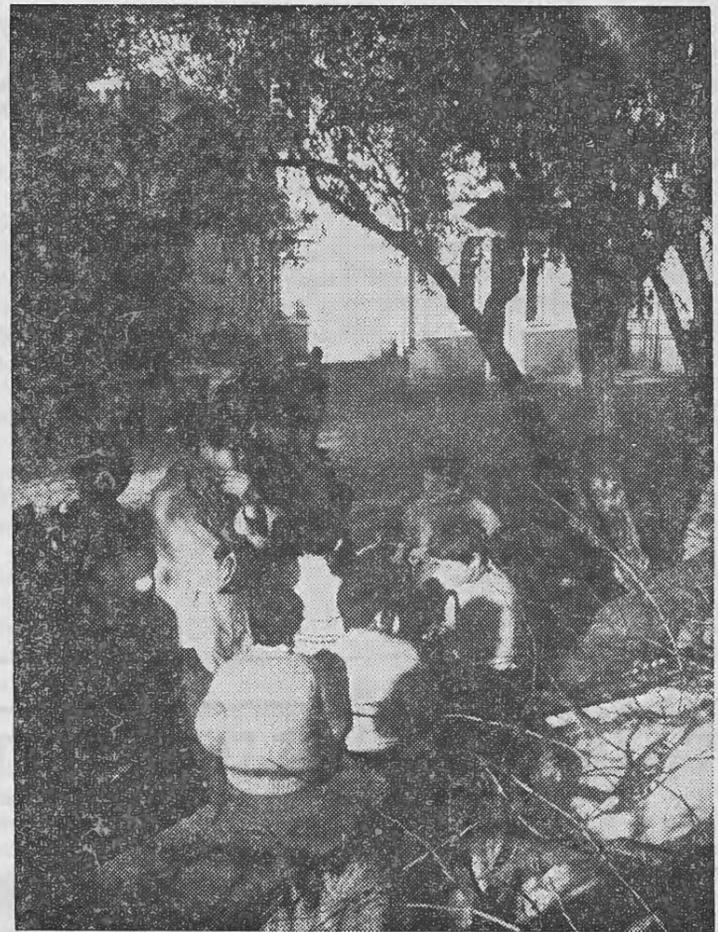
A nossa gana dos grandes lucros empobrece-nos.

Mais um Natal! Presépios desfeitos... Brinquedos estragados... Os Pobres a mastigar o mesmo pão e os esbanjadores do supérfluo — as mesmas ilusões.

Então quê?

A tua presença amiga, palavras de conforto, lembranças carinhosas e ajuda discreta e oportuna construíram um presépio vivo que o tempo não corroi.

Cont. na TERCEIRA página



Miranda do Corvo — hora da merenda. Os mais velhos esperam a sua vez mas o mais novo é que dá.

TRIBUNA DE COIMBRA

POR
PADRE
HORACIO

Nesta Quaresma temo-nos apresentado na maior parte das igrejas da cidade e a nossa palavra aos fieis tem sido a mensagem que o Papa dirigiu aos homens no início desta quadra litúrgica, tempo de maior esforço de conversão.

O Papa citou o Profeta Isaías — «Diz o Senhor Deus: o jejum que me interessa é que quebreis as cadeias injustas, desapertes os laços da servidão, ponhas em liberdade os oprimidos, rompas toda a espécie de jugos. Repartas o pão com o faminto, des pousada aos pobres sem abrigo, leves roupa a quem vive despido e não voltas as costas ao teu semelhante».

A Igreja, aliviando-nos do jejum corporal e da abstenção de comidas de carne, aponta-nos outros meios de perfeição e de união com os irmãos na caminhada para o encontro na Casa do Pai.

Quebrarmos as cadeias injustas, cadeias que se chamam: prostituição, racismo, marginalização de certas classes, falta de meios de com

nicação, ausência de higiene, condições de saúde deploráveis, posse da quase totalidade dos bens por um pequeno número.

Repartir o pão com o faminto: Dois terços da humanidade passam fome e queima-se trigo, deixa-se azedar leite, enterra-se batata, põem-se fora alimentos que sobram, abandona-se o campo.

Dar pousada ao homem sem abrigo: E tantos são os homens sem abrigo! Homens na choupana, sob a copa das árvores, debaixo das pontes, empilhados em viaturas abandonadas, ao abrigo das ruínas, metidos em currais, alojados em barracas de coisas velhas. E tantas casas suntuosas, tantas vezes, vazias!

Levar roupa: Tantos despídos ou mal agasalhados. E há tantos carregados com os últimos modelos e tantos a cultivar e exhibir nudismo!

CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA

Pelas Casas do Gaiato

MIRANDA DO CORVO

FESTAS — Ensaiar é coisa que nem todos fazem. Por isso, aceitámos a oferta que uma Senhora de Coimbra nos fez. E assim tem vindo de vez em quando dar uma achega aos números que temos para o programa deste ano.

Quando chega a hora dos ensaios, todos os que neles tomam parte se preparam para ouvir mais umas repreensões que sempre surgem, mas nem por isso lhes foge o sorriso nos lábios.

Com esforço cá vamos conseguindo um programa bastante bom.

TELESCOLA — O segundo período está praticamente acabado. Alguns dos rapazes estão satisfeitos com o que conseguiram até aqui, mas outros não foram tão felizes com o estudo da matéria dada neste período.

No próximo período terão de se agarrar mais aos livros. Se assim não for, vai por água abaixo todo o esforço feito até aqui. As Festas vão tomar parte na nossa vida precisamente no terceiro período; então alguns deles perderão noites segui-

das, o que irá afectar bastante a vida escolar.

FUTEBOL — O futebol é o nosso desporto favorito. Para o praticar precisamos da vossa colaboração. Já há tanto tempo que esperamos a visita de um grupo desportivo, sem ele aparecer!

Mais uma vez vos pedimos que nos visitem. Há grupos desportivos que gostariam de fazer um desafio com os Gaiatos. Mas não aparecem!

Se houver alguém que se interesse em nos oferecer um equipamento, umas chuteiras ou umas bolas, nós agradecemos, pois estamos sempre a precisar.

Mas não praticamos só o futebol. Com a falta de bolas e chuteiras temos-nos dedicado ao jogo das nações no campo de futebol e o hóquei em patins na e'ra. O recreio no fim do almoço é preenchido com um afe'roado desafio de hóquei... Talvez em campo, pois patins não os temos, mas mesmo assim não se perde o estilo de um hóquei jogado com paus e uma pequena bola também de pau; enfim, conforme as nossas possibilidades.

Manuel Zé

Há porquês indecifráveis neste País!

Temos papel de jornal para esta edição. Mas não sabemos se chegará para as próximas...!

Os armazenistas de papel e as pequenas empresas editoriais estão a esgotar os «stocks»!

Já sabíamos do cozinhado... Há dias, porém, o telefone

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

Não voltar as costas ao semelhante: O homem desprezado: o analfabeto, o marginal, o sujo, o viciado, o sem «cunha», o que não tem quem o recomende, o que não pode dar «luvas», o que não leva um presente.

Eis um programa de vida que é programa de conversão. Se o procurarmos cumprir e chamarmos pelo Senhor, o Senhor nos responderá.

Padre Horácio

Falta papel de jornal

— Porquê?

toca. Era o Laurindo, da nossa Casa de Setúbal, em palpos d'aranha:

— Não tenho papel para imprimir o semanário X. A fábrica não entrega!... Vê se me dispensas aí, ao menos, cinco resmas...

O rapaz estava tão aflito que as mandámos logo pela nossa camioneta do Tojal.

A gente até fica mal disposto ao ouvir queixas do armazenista: «Apetecia-me fechar as portas e dar férias para não aturar a clientela!...» — replicou uma vez, naturalmente deprimido.

Diz-se que a fome de papel é motivada pela fartura de exportação de pasta — grande

mina d'ouro... Diz-se mais e e mais e mais...

Uma coisa, porém, é certa: a pequena Imprensa luta com tremendas dificuldades na aquisição de papel.

Não está certo!

Sendo a Imprensa, pequena ou grande, uma actividade hoje tão indispensável como o pão — actividade de interesse público — compete aos responsáveis do sector público intervir vigorosamente, imediatamente, para regularização do mercado. É que a pequena Imprensa anda tão amparada, tão amparada!, que fazê-la sofrer este sobressalto é enfraquecê-la cada vez mais...

Júlio Mendes

É Quaresma. A Páscoa vem perto. Esta será o que tiver sido aquela. É tempo favorável à conversão. Tempo de renúncia aos caminhos fartos por onde vamos e nos levam à perdição.

Parámos para reflectir. Façamos silêncio, dentro de nós, para ouvir a Palavra definitiva. Está em causa o destino de cada um e o de uma multidão. Podemos estar enganados. A Quaresma é também tempo de comunicação e de solidariedade: — «Divide o teu pão com o que tem fome, acolhe em tua casa os que a não têm, veste os nus e olha para todos como irmãos».

Esta chamada é feita a todos os cristãos e a todos os homens de boa vontade. A Quaresma é grito de revolta contra toda a forma de esbanjamento e convite à comunicação fraterna.

O Eugénio quer construir a sua casa. Levantou as paredes nas horas vagas e com a ajuda de seus colegas. Veio pedir-nos as chapas para a cobertura. Já as tem. O Francisco está a pagar renda de casa. Porque não há-de ter a sua casa? Falta-lhe a madeira e a chapa de zinco para a cobertura. O ordenado não lhe permite mais. Põe a render o capital de seus braços e a saúde. O resto é connosco. Deixará de pagar renda e vai ter sua casa.

Morreu o primo do Alberto. Veio há dias do mato. Foi apanhado de surpresa e morreu. Não tinha cá família. Só o Alberto. Não amealhou ainda o



suficiente para o funeral e quer que ele seja enterrado com as honras dos demais corpos. E foi.

É Quaresma. Tempo de conversão. Os caminhos de Deus — caminhos dos convertidos — são os caminhos dos homens. Não chegaremos a Deus passando por cima dos homens ou passando mesmo ao seu lado.

x x x

Obras — Não tive ainda coragem de comprar uma máquina fotográfica para vos dar contas da nossa vida pela imagem. Já me têm tentado, mas tenho resistido. Prefiro esperar que alguém queira desfazer-se de alguma em bom estado em troca de outra. Por isso, não vai a fotografia do nosso salão de festas em construção. Fica mesmo em frente da casa-mãe. Terá o nome «pomposo» de Centro Recreativo e Cultural. Nele a biblioteca, o salão de jogos, o palco, e sala de convívio com bar para os mais velhos. Vai ficar bonito e vai ajudar os rapazes para quem é feito. Também está começado o campo de jogos, cimentado, para futebol de salão e outros desportos. Vamos a caminhar. Iremos à Companhia de Cimentos a perguntar se quer acompanhar-nos nesta obra.

Venda de «O Gaiato» — Esta secção não me devia pertencer. Competia a um dos vendedores falar da venda de «O Gaiato» e de como tem corrido. Tanto quanto sei, e eles não escondem nada de importante, tem sido boa. Ficam tristes quando não podem vender todos os jornais. Mas só querem entregar o jornal a quem o ler. Aos compradores «de favor» como dizem, preferem não vender.

Alguns, porque chegaram já à meta estabelecida dos 17 anos, deixarão de percorrer as ruas das nossas cidades e o seu lugar será ocupado por outros. Não se queixam. Eles sabem o trabalho que fazem.

Consola-nos a delicadeza de muitos assinantes que recebem o jornal e vão regularizando a sua assinatura como um dever a cumprir todos os anos. Mas outros não. Já ficamos contentes se lerem de facto «O Gaiato». Mas mais contentes ainda se cumprirem delicadamente a outra parte da obrigação. De qualquer modo não ficarão privados da sua leitura, a não ser que digam não lhes interessar.

Há os que mudam de endereço. Há os que morrem. E ninguém nos diz nada. Acontece que muitos jornais se perdem ingloriamente. E ficam retidos sem chegar ao seu destino ou voltar ao ponto de par-

Contratos... Toda a sociedade parece querer guiar-se por eles. Procurar uma existência mais digna, é lógico. Mas o que não está certo é «scudirem-se» valores negativos, humanamente falando, julgando fazer-se uma grande coisa.

Os homens, uma boa parte, são indiferentes ao bem comum. Tanto assim que os casos que nos aparecem diariamente são necessidades que não seriam tão grandes nas pessoas se as formas de «convencerem» fôssem as mais corretas. Se eram problemas onde viviam, aqui não deixam de o ser. Mas a adaptação... a uma Obra de e para doentes, como é o Calvário?! E onde cada elemento que aqui está faz o que a capacidade de cada um permite, integrando-se portanto no espírito da Obra?!

Se são pessoas, hoje com as suas deficiências mas habitua-

das a trabalhar, as pequenas coisas que aqui fazem são feitas alegremente.

Para muitos, habituados a tantas outras formas de vida, que não as melhores, a integração é bem diferente. Mesmo assim tem-se conseguido algum resultado mais útil para eles. Porque, aos poucos, começa a nascer neles uma ideia mais saudável desta vida. Ora, isto em pessoas que vieram convencidas por outrem, de que vêm para o Calvário para se curarem (de doenças imaginárias, tem havido curas!) para comer e dormir, etc. etc. Isso é para eles e para nós, bastante aborrecido. E ao mesmo tempo fazem-nos sorrir com as maneiras airoas como explicam as suas doenças e o não colaborar.

Este caso é de hoje. Porquê este caso tão estranho aqui, não sei. Sei, isso sim, que é um caso rebelde em extremo, especialmente em querer mexer uma palha. Mentalmente deve estar marcada profundamente, que tal é notório no modo como age. Mas tem respostas bem medidas: «O contrato de eu vir para aqui é para me curar, comer e dormir!». Estas frases e outras tais, quando as companheiras lhe pedem uma pequena ajuda para as ocupações que cada qual tem! Ai deles e de nós se não fossem esses pequenos trabalhos! Até a natureza não seria aqui admirada: 1.º — pelo sossego e pureza de ares; 2.º — porque o que não tem lugar no meio dos homens, indiferentes, aqui vive uma vida racionalmente válida. É assim... e não com «contratos» concretos ou abstractos!

Manuel Simões



tida. É problema fácil de resolver. Prometemos, da nossa parte, cada vez mais cuidado.

Bem hajam.

Padre Manuel António

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Aqui Lisboa

Falávamos da última vez da frequência dolorosa com que se observam abandonos de crianças por parte dos respectivos progenitores. Hoje, como que a demonstrar a exactidão das palavras de então, temos a referir a aceitação de mais dois abandonados, um de dois anos e outro de cinco, crianças encantadoras, cujo pai achou por bem passar a viver à custa de outra mulher, que não a suportar as suas responsabilidades para com os quatro filhos que gerou e a respectiva esposa. Por serem meninas, uma de três meses e outra de três anos, não ficámos com as restantes crianças. Entretanto, passados dias, por ser de todo impossível, tivemos de opor um rotundo «não» à entrada de mais dois pequenos, um de dois e outro de quatro anos, cujos pais(?) partiram não sabemos para onde.

Uma das facetas que mais caracterizam a Obra do Padre Américo, para lá de preferir os mais abandonados e sem recursos, reside na inexistência de burocracias na admissão dos seus Doentes e Rapazes. Sendo da nossa marca e havendo lu-

gares disponíveis, não se perde tempo nem se gastam rolos de papel; não se pensa se é domingo ou feriado; acode-se. Mesmo a exigência de exame mental prévio só passou a vigorar em face de ludíbrios clamorosos de gente sem escrúpulos, capaz de afirmar como perfeitamente normais crianças com atrasos ou deficiências visíveis a olho nú, exigindo pessoal e instalações especializadas, que não possuímos intra-muros. Aguardamos que esta liberdade de acção e de processos não venha nunca a ser molestada. Seria a falência da nossa maneira de trabalhar se estivéssemos à espera de verba para preencher qualquer vaga existente e não pudéssemos considerar os casos que nos batem à porta ou ir directamente, ou por alerta de outrem, ao seu encontro.

As considerações anteriormente feitas resultam precisamente do que se passou na admissão dos dois pequeninos referidos. Uma Mãe aflita, com quatro crianças para sustentar, não podia andar daqui para ali, correndo Seca e Meca, preenchendo papéis e fichas variados. Se há inquéritos ou pormenores a satisfazer isso virá depois. Hic et nunc importa, após sumárias diligências ou ouvidas pessoas capazes, resolver urgentemente os problemas que se nos deparam. Como bombeiros, que acorrem rápida e destemidamente a todas as chamadas, nós assim queremos e devemos proceder. É certo que, às vezes, também há chamadas falsas, mas isso é outra questão.

Padre Luiz

As alusões, discretas ou ostensivas, à juventude são sempre impregnadas de encómos e esperanças. Evidentemente que a juventude, em si mesma, é uma esperança, a alvorada do futuro.

A juventude como situação, estádio, potencialidade, etc... é rica. Riquíssima.

A ignota orientação no futuro dessas potencialidades empresta algo de misterioso à idade jovem que todos dispõem e não poucos invejam.

Como o condicionalismo presente outorga à juventude, mais que idade de vida, o foral de classe, é frequente nas arengas políticas sublinhar a importância dos jovens no xadrez social.

Importância indiscutível, até porque os jovens cada vez serão mais eles.

A juventude começa agora, mais que nunca, a confundir-se como batalha de maioridade em que a vitória terá de alcançar-se por todos os meios e a todo o transe.

Neste ser o que se é e pretender ser o que ainda se não pode ou deve ser, reside a problemática.

A natureza não dá saltos. Evolui axiomáticamente. «De vagar que tenho pressa».

Os valores jovens (energia, cometimento, idealismo, camaradagem, sentido da justiça, etc.) esbarram com uma barreira de contra-valores, frutos duma reflexão mal esboçada, dum idealismo emocional, duma falta de amadurecimento.

De modo que toda uma riqueza real e, sobretudo, potencial fica à mercê dum rumo que se trace. Dum rumo que se siga.

A juventude é, sobretudo, uma força. Principalmente, um grande ponto de interrogação.

Quando se diz, em eloquências de comício, que a juventude de hoje é a esperança e o futuro de amanhã não nos comovemos em demasia, tão meridiana e limpidamente nos apercebemos de que sempre

Valores e contra-valores da Juventude

assim foi. Sempre assim será... Mas qual futuro? Qual esperança?

Só porque se é jovem, não se garante no futuro felicidade absolutamente alguma. Pode até suceder precisamente o contrário.

Uma juventude drogada, erotizada, amolecida não servirá senão para lançar às feras da desgraça os dias de amanhã.

A juventude de idelas avantajadas, essa, sim, será a aurora de dias melhores.

Portanto, menos conversa nas esperanças futuras e mais certezas nos momentos que passam. Certezas de educação dos jovens, de recrutamento sério de professores e educadores.

Menos estatísticas de quantidade e mais apuramento de qualidade.

A quantidade desclassificada é um processo de baralhar, deseducar e comprometer.

O problema juvenil é sério. Agudíssimo.

Gostaríamos de saber, talvez por indiscreta curiosidade, se alguma vez neste País se terá feito o inventário de todas as actuais tentativas de sua valorização da juventude!... De todas!...

Não é por simples curiosidade!... É que nos parece que as pessoas que tentam seriamente ganhar e formar bem a juventude, homens ou mulheres,

oficiais ou particulares, mereceriam ser ovacionados em praça pública.

Saber-se-á bem quantos e quais são os que verdadeiramente trabalham pela juventude?

Quer-se-á apoiar esses tais e esses quantos, mesmo quando fazendo Política de Nação, não fazem política deste ou daquele?

A juventude em si é cartaz avulso, amorfo.

A juventude bem preparada, pelo menos com sérias tentativas nesse sentido, é que vale o cartaz de Nação e de futuro!...

(In. «O Distrito de Portalegre»)

Malanje

Cont. da PRIMEIRA página

Ora escuta: Um dos nossos «Batatinhas» ficou tão encantado com o seu brinquedo que me veio dizer, amorosamente, que estava muito contente e que a mãe o vinha ver... Nunca me tinha falado na mãe. As pessoas que o vieram trazer, também não. Este Natal trouxe ao coraçãozinho do nosso «Batatinha» a lembrança da mãe. Talvez ela, em qualquer caminho, ao olhar o presépio, se encontre com o seu menino.

Um dos nossos que está na tropa, veio com uma carta para todos a dizer da saudade da nossa noite de Natal e como lhe doía o não poder estar conosco. Alguma coisa no seu coração venceu o tempo e as palas batidas.

Disse que a tua ajuda foi oportuna. Foi. Não que os nossos rapazes não tenham o suficiente, eles ganham com o seu trabalho o que comem e vestem. Nada te pedem. A Obra sim. Ela precisa da tua ajuda para construir mais casas e admitir e dar a outros rapazes condições de vida e de dignidade. Que Deus pague, pois, a todos os que viesteis até nós, tirando à sua própria comodidade.

Padre Telmo



Página 3 14/4/73

Cantinho dos Rapazes

Cont. da PRIMEIRA página

Este medo à responsabilidade, à intervenção no governo de uma comunidade como a nossa (que bem pode ser eficiente exercício para o de uma comunidade maior, ou pelo menos, para o da sua própria família quando vier a fundá-la), explica muitos pontos fracos da nossa orgânica e alguns fracassos da nossa vida. Aqui reside um desvalor da juventude: reivindicação fácil de liberdades, sem a correlativa dose de responsabilidade.

Porque este já vai longo e o assunto me parece de interesse, em conexão com o que aqui tratamos, chamo a vossa atenção para o artigo que noutra lado vai: «Valores e contra-valores da Juventude»...

Quem dera, não por penacho mas por prestação de um serviço verdadeiramente fundamental à Nação e ao Futuro, nós pudéssemos ser contados, a respeito de todos e de cada um de vós, entre «as actuais tentativas de sua valorização da Juventude»!



SETUBAL

Esta Quaresma começou, para mim, com entusiasmo redobrado, nascido no primeiro ciclo de um curso de reciclagem teológica. Como a vida evolui vertiginosamente empurrada pelo avanço da ciência e da técnica, o cristão, para ser dos nossos dias, tem de acompanhar o ritmo dela, estando atento e conhecedor das forças que movem e dos ângulos de visão a que ela é mais sensível.

Há estruturas formalistas na vida dos homens, que por perderem a sua vitalidade estão condenadas. A fé e a vida são algo de transcendente que ultrapassam todos os formalismos e exigem a revitalização frontal e evidente do amor. Cristão é aquele que ama.

Em, todas as circunstâncias. Apesar de todas as dificuldades. Nos momentos de maior crise.

Pai Américo apareceu-me inteirinho no seu profetismo claro do dia de manhã. Sem se prender a formalismos ou instituições; apaixonado pela dignidade do homem a quem Deus amou de tal modo que lhe deu o Seu Filho Único.

x x x

Os Rapazes deram notícias aos leitores do modo como decorreram as eleições na nossa Casa e apresentaram as fotografias mais os nomes e relatos sucintos da vida dos eleitos. Eleições livres. Sem batota. Sem medo. Onde os mais capazes foram apresentados e os

melhores venceram. Em bem! Se o mundo assim fizesse como a justiça seria mais flagrante e os instalados coagidos a trabalharem na construção da mesma. Mas não. Continuamos agarrados às fórmulas ultrapassadas, onde a liberdade, exigência fundamental da natureza humana é torpedeada.

O que mais me alegrou nas nossas eleições foi o entusiasmo e generosidade com que cada chefe tomou o seu lugar. Benditos Rapazes!

Nas horas de abatimento não desfalecerei convosco pois sei que sois capazes e quereis, apesar de fracos. Lembrar-me-ei do primeiro mês de chefia para vos animar e não deixar desfalecer.

Padre Acílio

Reedição do «Viagens»

Por Júlio Mendes

● JÁ SERVIMOS TODOS OS PEDIDOS

Foi uma grande empreitada. Custosa — mas deliciosa. Já servimos todos os novos assinantes da Editorial que utilizaram os célebres postais RSF! Nesta barafunda de Festas, com a malta disponível, conseguimos o impossível! Era o «Gágá», o «Tiroliro», o Elísio, o «Eusébio» e mais. Até o Manuel Pinto resolveu tirar o casaco e fazer ver à gente nova... Uma festa na retaguarda!

Agora, é o Avelino lançado no expediente diário. Maços de correspondência, de todos os quadrantes, motivada pelo «Viagens». E, caso curioso, nunca como nesta reedição houve tamanho escrupulo da parte dos leitores, quanto ao valor material da obra! Tem sido uma verdadeira **precissão** de pedidos de esclarecimento: «Quanto é...?», «quanto custa...?». Sobretudo no que toca aos novos assinantes — desconhecedores, ainda, de que as obras de Pai Américo, todas as nossas obras, estão isentas de preço. Que a retribuição, digamos, é do exclusivo critério, ou disponibilidade, do próprio leitor. Enfim, que o valor primacial do livro, ou dos livros, reside única e simplesmente nos benefícios da sua leitura. É um esclarecimento geral a juntar a tantos outros — ao longo dos tempos. Porém, aos mais escrupulosos e renitentes lá vamos indicando uma bitola que as circunstâncias e só essas — no-lo exigem.

● A VOZ DOS LEITORES

É consolador ler, reler e, quantas vezes!, parar e abrir mais profundamente os olhos da alma, ao passar revista a tantos depoimentos que, todos os dias, caem sobre a nossa secretária a propósito das obras de Pai Américo — no caso vertente a propósito do «Viagens».

Como não há duas almas iguais, ninguém se repete à letra. Ninguém! Os **tocados** pela Mensagem, de que os livros de Pai Américo são férteis, rasgam as suas almas em ressonâncias explosivas. São verdadeiros documentos sagrados — do altar da Vida. Luz que não se pode, nem deve, pôr debaixo do alqueire.

Está aqui, logo de entrada, um engenheiro civil, de Lisboa:

«Recebi em devido tempo o exemplar das «Viagens» do Pai Américo... Não o conhecia ainda e ainda pouco o li, por ra-

zões que não são de todo da minha vontade. Mas, como os outros que já tenho, não deixarei de o ler todo — veremos quantas vezes — pois aos Pais e Educadores poucas vezes se lhes apresenta a oportunidade de consultarem «tratados e lições do que deveria ser a verdadeira educação», da qualidade dos escritos do Padre Américo. Muitas vezes se lêem tratados de especialistas de educação, mas muito raras são aquelas em que o princípio fundamental da educação é o AMOR e principalmente usado na escola e da forma que o Padre Américo o usou e ensinou a usar. Graças a Deus que nos deixou estes «bocadinhos» de si mesmo que tantos frutos continuam a dar...»

Só mais dois apontamentos. O primeiro é de algures e diz assim:

«Queridos Amigos: Obrigado pela edição do «Viagens». E obrigado também por me terem enviado o livro. Que Deus lhes pague pelo bem que toda a Obra de Pai Américo, que vocês continuam, me tem feito.

Envio um cheque de 500\$00 e peço que me enviem mais dois exemplares para eu oferecer a amigos.

Obrigado por todas as vossas atenções e recebam o meu amor carinhoso.

Helena»

A carta, o estilo, cada uma das palavras cheira a amor maternal!

Mais Lisboa:

«Recebi o livro «Viagens»... Já está quase lido por mim e pela minha mulher, às vezes quase que há zaragata porque ambos queremos ler ao mesmo tempo...»

Ó santa zaragata! Bendito livro!

● EXCERTO DO «VIAGENS»

É da viagem de Pai Américo ao Brasil (1949). E poderia ser escrito hoje — com tanta ou mais veemência!:

«Também falei na Casa dos Jornalistas; airosa, de muitos andares e todos eles majestosos. Ali tornei a pedir perdão. Eu não tenho título nem ciência; só se contar até dez e isto pelo dedos da mão. Foi ainda a obediência que ali me fez ir. Disse aos jornalistas ali presentes que escrevesse com letras grandes nas páginas da frente dos jornais e dissessem que o mundo já está sendo executado que são os novos, que são as doutrinas novas que executam por se não ter feito caso da Doutrina vi e vivificante do primei-

Mandamento. É a montureira; é a viela que condena e executa. Eu disse que vinha ao Brasil cantar um cântico novo. Estava aqui reunido um Congresso Pan-Americano de Serviços Sociais, que o mesmo é dizer uma Semana Social idêntica às que em Portugal costumam realizar-se. Alguns congressistas quiseram ir a um cinema ver passar o documentário da nossa Aldeia; e, no fim, vieram ter comigo, quentes como lume. Vinham embarcados. Falta-lhes a palavra; tudo eram interjeições. Eram doutores, como costumam ser todos os congressistas, e já tinham dito ou iam dizer suas teses no Congresso em questão. Eu media silenciosamente o espanto destes bons senhores e disse-lhes que dá menos trabalho realizar a obra que acabaram de ver na tela, do que a elaboração preciosa das teses que no Congresso se apresentam. Eles queriam que eu fosse ao Congresso, mas não fui. Eu estou cansado. Eu estou gasto. O pouco tempo que me resta de vida quero gastá-lo em fazer que não em dizer. Não fui ao Congresso; se ali tivesse ido, seria de duas palavras o meu sermão: «Res non verba», que o mesmo é dizer, «falar menos e fazer mais». Eu vim ao Brasil cantar um cântico novo.»

RETALHOS DE VIDA

Jorge Alberto



Sou natural do concelho de Grândola, no distrito de Setúbal, onde nasci a 1 de Julho de 1956.

Minha mãe faleceu tinha eu pouca idade. Meu pai, rendeiro de uma quinta, pela qual pagava enorme quantia, via-se na necessidade de fazer longas noites em serviços exaustivos.

Nós eramos três. Um rapaz e uma rapariga, além de mim. Ele estava com a avó materna, ela com a avó paterna, e eu com o meu pai. Perante tal horário de trabalho, eu ficava em casa sozinho, vindo assim a adquirir vários hábitos menos aconselháveis.

Depois de várias aventuras, seguidas de fugas, meu pai e minha madrastra, que então apareceu, viram a necessidade de me colocarem numa Casa capaz de me guiar pelo bom caminho. Acabei por vir ter à Casa do Gaiato do Tojal a 18/1/66, de onde ainda não fugi e as aventuras se podem contar pelos dedos.

Comecei por trabalhar na rouparia, fazendo ao mesmo tempo a 4.ª classe e prolongando-me ali à 5.ª. Entrei então para a tipografia, prosseguindo no entanto na escola a fazer a 6.ª classe. Depois do exame, o Senhor Padre convidou-me a continuar, e hoje estou no 2.º ano do comércio, tendo já falhado um ano. Entretanto deixei a tipografia, pois o tempo não era suficiente para as duas coisas.

Hoje procuro aproveitar o melhor possível a oportunidade que me está a ser dada. Com este pequeno texto exponho aqui muito por alto uma vida mais ou menos difícil, mas que graças a Deus e à Casa do Gaiato se vai tornando mais feliz.

Jorge Alberto Celeriano da Cruz («Chinês Barril»)

tam e dançam sem parar. E nós padres também temos de alinhar na roda.

Chegou a resposta da Administração de uma casa da Beira,

FESTAS

Enquanto os do norte já se regalaram, os do centro e sul esperam famintos.

São os vendedores e o comércio que chegam cheios de recados de quando são, de que já todos estão à espera, de que seus Amigos querem ver o Joãozinho e o Quim e os outros todos, e se o programa é como nos demais anos?

Em cada uma das nossas comunidades não há agora hora sem música e sem ensaio. Enquanto uns estão na escola e outras obrigações, outros can-

que dizem ser a melhor de espectáculos, à porta de quem batemos: «Informamos de que teremos todo o gosto de colaborar com a Casa do Gaiato».

Como não nos havemos de entusiasmar com festas e festeiros? E vamos p'rá festa!

Padre Horácio

x x x

Informamos os nossos amigos que estão marcadas as seguintes Festas para as zonas centro e sul:

Abril

Dia 25 — SETÚBAL

Dia 27 — LEIRIA

Dia 28 — LOUSÁ

Dia 29 — PALMELA

Dia 30 — COIMBRA

Maiο

Dia 1 — ANADIA

Dia 4 — MARINHA GRANDE

Dia 5 — POMBAL

Dia 6 — ARGANIL

Dia 7 — TOMAR

Dia 10 — LISBOA

Dia 11 — GUARDA

Dia 12 — GOUVEIA

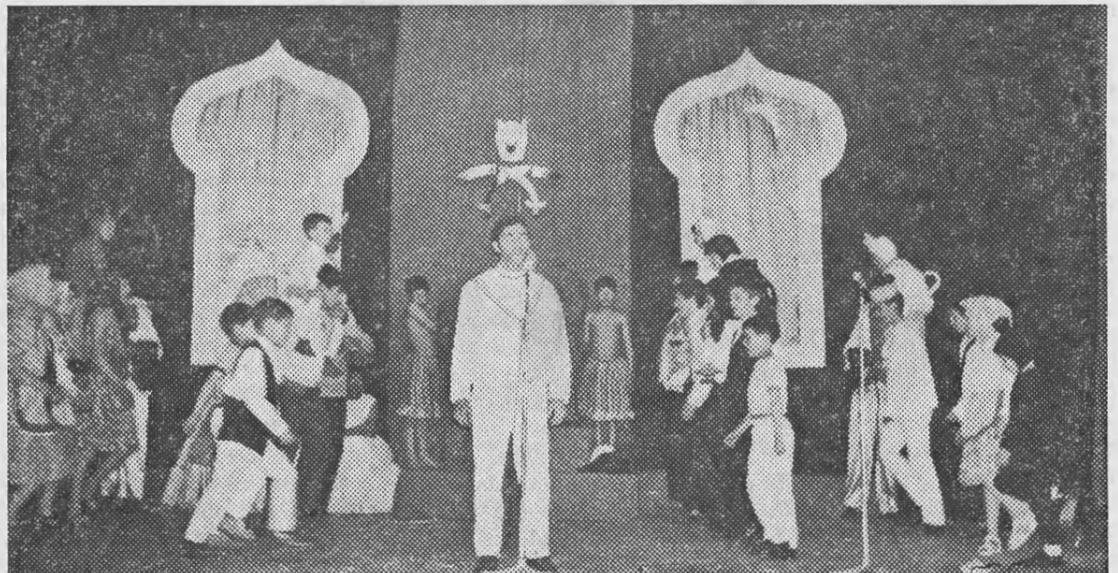
Dia 14 — CASTELO BRANCO

Dia 15 — FUNDÃO

Dia 16 — COVILHA

Dia 19 — CANTANHEDE

Dia 21 — FIGUEIRA DA FOZ



Mais um sugestivo quadro das Festas da nossa Casa de Miranda do Corvo — o ano passado.

